



Vol. 5 nº 9 jan/jun 2010  
p. 109-115

ENTREVISTA COM LUIZ DAMIAN BUSTILLOS

## “A DEMOCRACIA É NA VENEZUELA”

Entrevistadores:

Silvio Ricardo Demétrio<sup>1</sup> (ECA/USP)  
Anderson Antikievicz Costa<sup>2</sup> (UTP - PR)  
Julliane Brita<sup>3</sup> (U NIPAR)  
Oniodi Gregolin<sup>4</sup> (UNIPAR)

A Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) ofereceu à comunidade acadêmica de Cascavel uma palestra com uma das figuras mais importantes do governo chavista da Venezuela, o reitor da *Universidad Bolivariana de Venezuela*: Luiz Damian Bustillos. Advogado, sociólogo graduado em Paris, especializado em história do movimento operário europeu, mestre em sociologia política e professor do departamento de metodologia da mesma universidade que dirige. A *Universidad Bolivariana de Venezuela* passa, atualmente, por um momento de municipalização, presente em mais de 1,8 mil cidades, sediadas em nove centros nacionais e proporcionando educação a mais de 270 mil alunos. Na pauta da palestra que proferiu na cidade, **O Socialismo do Século 21**. Em entrevista, Bustillos conta um pouco do processo de transformação da Venezuela e das questões polêmicas que envolvem o governo central daquele país. Quando o senhor fala de revolução, se refere ao episódio de 2002?

**Luiz Damian Bustillos** – Quando falo em revolução, estou falando do período preparatório para a Revolução. Então, estamos falando da tomada do governo por setores progressistas e a posterior tomada do governo em 1998. É correta sua pergunta sobre 2002, porque os setores reacionários tradicionais lançam um golpe de Estado em 2002. A partir desse ano sente-se uma nova etapa na Revolução, ela se aprofunda, porque no conflito social que vinha se desenvolvendo na sociedade venezuelana uma das manifestações e acontecimentos fundamentais foi a greve petroleira, que se compreende pelo desemprego petroleiro, o resultado dessa greve e do desemprego é que nós podemos limpar a indústria petroleira. Até esse momento a nossa indústria de petróleo estava nas mãos na Tecnocracia, com uma forma muito neoliberal de conceber a política energética do país. Com o desnudamento dessa tecnocracia, o petróleo passou para as mãos do governo; não estamos falando

de maneira jurídica e nem política, mas, sim, de maneira do poder real e nesse momento o governo do presidente Chávez toma o poder da indústria petroleira e começa a ter um papel fundamental na energia e no petróleo para construir as novas relações econômicas e sociais. Repito, ao tomar o poder da empresa pelo estado, nos permitiu avançar fundamentalmente e duas linhas fundamentais: a primeira é pagar a dívida social, é dizer que com os ingressos internacionais de petróleo começamos a construir e a satisfazer as necessidades fundamentais do povo por meio das Missões. Missões educativas, de saúde, de alimentação, de cultura, de identidade, enfim, a construir uma nova instituição para que a renda petroleira fosse para pagar essa dívida com a sociedade acumulada em tantos anos. Em segundo, para construir novas formas de produção social, o que denominamos a nova economia social na construção de empresas de produção social. Resumindo tudo isso e voltando à pergunta. É em 2002 que se aprofunda a Revolução na Venezuela.

Esta nova institucionalidade, que é a base disso que se chama de Socialismo do Século 21 na Venezuela, é a construção de um Estado voltado para o social?

**L.D.B.** – Sim, é o que chamamos na Venezuela de Socialismo Bolivariano ou Socialismo do Século 21. Tem como base dois pressupostos: o primeiro que o problema do desenvolvimento ou do crescimento econômico em nosso país, não pode acontecer dentro do modelo de desenvolvimento capitalista, dependente das frentes petroleiras como modelo que guia e orienta as novas relações sociais. Sabemos pela prática, que não nos permitia sair desse desenvolvimento, o porquê dessa ordem cíclica. É muito simples: as causas, a origem, a gênese dos males socioantropológicos e dos males que têm a ver com a vida e com a natureza estão inseridas nesse modelo social capitalista. Não podemos solucionar estes problemas dentro do modelo, pois o próprio modelo é a causa e a origem dos problemas. A outra tese é que nós não podemos reproduzir as falhas e as dificuldades do socialismo real. Então, essas teses nos permitem prefigurar o que se vem a conhecer como o Socialismo do Século 21. Pois bem, e o que é o socialismo do século 21? É uma maneira de organizar a sociedade. É um modelo frente às relações e interações econômicas, baseadas fundamentalmente na exploração do trabalho, na especulação financeira. O que queremos é construir uma nova relação social dentro das unidades produtivas. Nesse sentido, o petróleo nos permite ir financiando a construção desta nova economia social.

### **Em outros setores...**

**L.D.B.** – Claro, o que acontece é que estamos em um momento de transição. Por hora estão coincidindo três modelos de produção: coexiste a empresa privada, coexiste a propriedade pública – não é possível, por exemplo, socializar a empresa

de petróleo, a PDVSA [estatal venezuelana correspondente à Petrobras] – e estão nascendo os primeiros germes da economia social: a empresa de produção social, e aqui está o petróleo, como eu dizia, tendo um papel fundamental. Mas o que significa a empresa de produção social? Primeiro, que os trabalhadores podem participar da formulação de políticas da própria empresa e, segundo, que o excedente se reparta entre todos conforme o trabalho que desenvolvem. Pois bem, o Socialismo do Século 21 não trabalha apenas a dimensão econômica e, sim, com uma característica jurídica e política que é a construção da nova forma-Estado.

### **É uma redefinição de Estado, então?**

**L.D.B.** – Sim, a nova forma-Estado que temos no processo de transição se dá na criação de uma lei, e acontece na existência dos Conselhos de Comunidade. Os Conselhos são espaços de participação que podem variar de 200 a 400 famílias. São espaços de participação e exercício da democracia, porque permitem que a comunidade se reúna e resolva os próprios problemas. Claro, a formulação de políticas se dá na Assembleia e esta tem órgãos executivos que são as mesas técnicas. As mesas técnicas existem conforme os problemas: se é problema de água, uma mesa técnica sobre água; se é problema ecológico, mesa técnica de ecologia, e assim por diante. O que é importante é perceber que é dessas mesas que veem os recursos para resolver os problemas e as necessidades imediatas.

### **Então é uma concepção de democracia direta?**

**L.D.B.** – Correto. É sobre a passagem da democracia liberal burguesa representativa, o que nós chamamos de construção de uma democracia participativa, de uma democracia direta e protagonista, com responsabilidades na formulação de políticas públicas.

O que pensa o povo de tudo isso e da falta de alternância de governo em seu país? Perguntamos isso devido à imagem que a mídia internacional passa sobre a Venezuela, numa visão de quem não está lá para ver.

**L.D.B.** – Veja, isso é uma grande mentira dos meios de comunicação. O que acontece é que a Venezuela é o país mais democrático da América Latina. Em dez anos de governo e da Revolução vocês sabem quantas consultas populares foram feitas ao povo? Quinze. O povo é consultado porque é um de nossos princípios na construção da soberania popular. Isso tudo porque a decisão não está em Chávez, e sim no povo. Bem, se o povo decide por meio de um processo eleitoral e quer que seu presidente seja Chávez, esta decisão não cabe ao Presidente, mas sim ao povo. Tenha certeza que se na próxima eleição o povo disser não ao Presidente Chávez,

ele entregará o governo. Chávez pode se reeleger diversas vezes e onde está sempre a decisão? No povo. Quero colocar um exemplo: o que acontece se os brasileiros quiserem reeleger o presidente Lula? Não o podem, há um obstáculo. Ah! Mas o capitalismo fala de alternância. Veja que estamos em um processo revolucionário, Chávez é um líder e desempenha um papel fundamental, estamos lutando contra o Império e o Império não brinca. O presidente Chávez ficará no poder até que o povo, por meio de processos eleitorais, queira que ele fique.

### **E se Chávez deixasse o poder na próxima eleição, a Revolução continuaria?**

**L.D.B.** – Eu creio que a Revolução é feita de uma conscientização coletiva, e nos últimos dez anos se construiu na Venezuela uma sucessão revolucionária. Eu não vejo, no futuro, um momento em que retornemos ao modelo oligárquico e neoliberal e que o povo colabore para tal. Na história recente de meu país, o ex-presidente Carlos Peres quis impor o modelo neoliberal, um pacote de mudanças estruturais que seriam pagas pelos setores populares da Venezuela. O que aconteceu em Caracas nesse período? O povo pobre se lançou numa subversão social que não pudemos converter em uma subversão política naquele momento. O neoliberalismo não é apenas uma maneira de organizar as relações internacionais na globalização e na acumulação de capital, como fazem os países do Norte, mas é, também, uma maneira de reorganizar a sociedade e as relações econômicas dentro do país. Imagina o que se passaria na Venezuela se ganhasse o projeto neoliberal uma reeleição? Quem pagaria seriam os pobres e os campesinos e a Revolução não seria democrática e pacífica, entraríamos em outra forma de luta. Quero terminar essa afirmação: na Venezuela, como se sabe, se construiu um devir histórico e social, e esse devir em toda a sociedade é conflitante. Mas a força se liberou e o movimento dos trabalhadores ganhou forma.

Falando de integração, há um interesse do governo Chávez de ser incluído no Mercosul, como isso é visto lá dentro?

**L.D.B.** – O que acontece é que a política real nasce de condições reais. Assim como a Venezuela em seu processo de integração e cooperação se liga ao Caribe e alguns países da América Latina por meio da Alba – a alternativa bolivariana para a ALCA [Acordo de Livre Comércio das Américas] –, que apenas trata dos interesses dos Estados Unidos para esta aliança, nós sabemos que isso não nos favorece. Por isso propomos uma alternativa que nos permita desenvolvimento, que nos torne independentes e soberanos e que possa nos safar da política colonial norte-americana que tem sido imposta nos últimos anos. Temos a vontade política de ser uma nação, de construir um país onde as desigualdades sociais desapareçam. Do ponto de vista de nossa política internacional, partimos de um princípio, que é o equilíbrio internacional. Sabe que depois da Guerra Fria se construiu uma relação

de poder mundial unipolar, protagonizada pelos Estados Unidos. O que estamos desenvolvendo é uma nova política internacional que forme novos blocos de poder e o novo poder que estamos criando é da América Latina e Caribe. Mas o que tudo isso tem a ver com o Mercosul? O que passamos a fazer é criar relações mais estreitas com os países do bloco. Estamos presentes em diversos projetos no continente, como a Petrosul, gasodutos, refinarias, exploração de petróleo, etc. Isso significa que estamos removendo aquele poder unipolar. Estamos nos fortalecendo como uma comunidade do Sul.

Essas sucessivas ofertas de petróleo do governo Chávez a diversos países de nossa região seriam uma forma de estender a influência venezuelana por todo o continente em vez de ser apenas uma generosidade?

**L.D.B.** – Veja, há aqui duas coisas. Não é influência, porque nós não somos uma potência e nem aspiramos. Não faz parte de nossa política internacional. Nós estamos construindo um eixo com a Ásia, é um novo eixo com uma política de equilíbrio. Nós não temos a concepção de acumulação de capital e nesse sentido temos uma política de ajuda energética a outros países, não entendemos o petróleo como arma política. Nós buscamos apoio, porque frente ao Império e às oligarquias dentro de nosso país que conspiram com o Império e, ainda, ao governo da Colômbia com bases militares, precisamos buscar apoio não apenas aqui no hemisfério, mas internacionalmente. Mas você tem razão, é claro que o petróleo tem um papel político, mas há também generosidade e solidariedade com os povos irmãos.

A ideia que se vende é que Chávez é contra a imprensa. Como são as políticas de comunicação hoje dentro da Venezuela?

**L.D.B.** – Antes de mais nada, preciso assinalar que esses meios de comunicação participaram de maneira descarada do golpe de Estado contra Chávez. Isso é comprovado. Ele foi planejado pelos meios de comunicação. Saíram à caça de Miraflores. No outro dia, após o golpe, com o ditador Carmona, estavam todos os donos de veículos de comunicação que participaram do golpe. A realidade que se constrói não é a verdadeira. Quando o neoliberalismo entrou na Venezuela, atacando o Estado, ele debilitou o Estado e o Governo. Nisso entram os meios de comunicação ocupando um papel hegemônico de direção da sociedade. Isto pudemos ver: os donos de TV se converteram em dirigentes políticos. Quando chega Chávez ao poder, encontra os partidos políticos enfraquecidos, mas canais televisivos muito fortes. Um poder que não tem a ver somente com a informação, mas com a política e a economia. Sabemos muito bem que o sentido geral é a internacionalização, e a mídia tem uma relação forte com o poder econômico. O Império e os meios que representam o Império não podem permitir um governo como o de Chávez. Por isso o atacam. Temos um grande conflito internamente, porque estamos desenvolvendo um modelo de organização social e ele se choca com os interesses

econômicos dos meios de comunicação. Sabe-se muito bem que a mídia pode criar uma imagem que não concerne à realidade, mas que é do interesse dela. Sabe-se, também, que a radiodifusão pertence ao governo, isso em diversos países, e o governo permite que empresas explorem este espaço por determinado tempo. Na Venezuela, existem mais de 700 rádios comerciais, o governo quis pôr em ordem tudo isso e encontrou 200 rádios que não cumpriam a lei. Não se adequaram e perderam o direito da concessão. Mas não se falou isso, apenas se disse que o governo estava cerceando a liberdade de expressão. Agora há um conflito com a Rádio Caracas Televisão, que estava envolvida no golpe, e que teve o tempo do contrato vencido. Continuou atacando o presidente e perdeu o direito da concessão, porque era um enfrentamento sistemático. Agora estamos num processo de desenvolvimento da cultura, que deverá ter um pensamento crítico. Que sentido há um meio de comunicação aliado ao pensamento capitalista, que por anos deformou o povo, nesse processo de construção?

Antes o senhor falava de política externa, e sabemos da recente compra de material bélico da Rússia e do alinhamento político com países como Cuba, Irã e Síria, além do desligamento diplomático com Israel. Isso não seria de certo modo um agravante para esse conflito que há com os Estados Unidos? Não seria melhor para seu país manter-se quieto, já que não tem pretensões de ser uma potência, e apenas se preocupar com esse projeto de melhorar a qualidade de vida do povo?

**L.D.B.** – Veja bem, esse desenvolvimento social não pode acontecer se não enfrentarmos os Estados Unidos. É verdade, temos relações com estes países, mas isso faz parte de nossa política de relações exteriores para a construção de um eixo multipolar. Dentro da política internacional há um princípio, que é a construção da vontade política e essa vontade está acontecendo com países como Irã, Cuba, Rússia, Bielorrússia, Vietnam, Síria. Podemos nos desenvolver de forma independente do capital dos grandes.

## NOTAS

(Footnotes)

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação (ECA/USP).

<sup>2</sup> Jornalista especializado em Cinema (UTP-PR).

<sup>3</sup> Jornalista formada pela Unipar.

<sup>4</sup> Jornalista formado pela Unipar.

Recebido: 12/06/2010

Aprovado para publicação: 30/10/2010